


RESENHA

SOMOS COMPARTILHANTES, NESSA CONFLUÊNCIA DE SABERES?!

Robson Aparecido da Costa Silva ¹

REVIEW

ARE WE SHARERS, IN THIS CONFLUENCE OF KNOWLEDGE?!

RESEÑA

¿SOMOS PARTICIPANTES DE ESTA CONFLUENCIA DE CONOCIMIENTOS?

A resenha tem como referência bibliográfica a seguinte obra: SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023. 112 p.

Uma das lideranças do movimento quilombola e da luta pela terra no Brasil, que se ancestralizou, foi o escritor, filósofo e poeta Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido como Nêgo Bispo (1959-2023). Ele recebeu esse codinome do movimento sindical dos agricultores rurais em 2007, ano em que lançou seu primeiro livro: *Quilombos: Modos e significados*. Outra obra significativa de sua autoria é *Colonização, Quilombos: Modos e significados*, que foi publicada em 2015 pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia e Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa da Universidade de Brasília (INCTI/UNB).

Nêgo Bispo nasceu no povoado de Papagaio, localizado no Vale do Rio Berengas, que atualmente integra o município de Francinópolis, no estado do Piauí. Em suas histórias, não há separação entre escrita e vida (ANZALDUA, 2000) e, ao discorrer sobre elas, ele destaca a cosmofofia do povo branco e sua desconexão com a natureza, enunciando as sabedorias ancestrais e orais dos povos de trajetórias e circularidades, mas não de teoria (Santos, 2023). Essas sabedorias são apresentadas como um caminho para semear as sementes do bem viver e construir um futuro baseado em redes de confluência e compartilhamento.

As obras literárias e poéticas que ele escreveu expressam os conhecimentos transmitidos de geração em geração pela tradição oral, posteriormente traduzidos para a escrita (Santos, 2023). Isso demonstra a potência de uma escrita capaz de reconectar afetos e ciência, como propõe Cusicanqui (2018). Aos poucos, suas obras vêm permeando os espaços educacionais brasileiros - não com o objetivo de destruir a colonialidade presente

¹ Doutorando em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), Belo Horizonte, MG, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0905-1579>. E-mail: robsoncostapsic@gmail.com.com.



no mundo ou nas pessoas, nem propor um novo estilo de vida baseado nos saberes tradicionais. Em vez disso, elas fornecem uma análise crítica, um “balanço”, como descrito na música de Juliana Linhares, “balanceiro”, com a função de provocar reflexões e oferecer resistências ao projeto euro-colonialista.

As vivências compartilhadas por Antônio Bispo, “confluem na luta pela terra e na valorização das epistemologias milenarmente constituídas fora do eixo científico ocidental e/ou ocidentalizado” (SILVA, 2023, p.1). Essas experiências iluminam uma terra fecunda por aprendizados e nas caminhadas de vidas quilombolas, onde o adubo se faz de matéria orgânica e sementes necessárias para a tessitura comunitária de novos elos de afeto e engajamento entre as pessoas e meio ambiente. Trata-se de uma confluência local de compartilhamento que transforma e tece relações de pertencimento entre todos os seres vivos.

Em contrapartida, são denunciadas por Nêgo Bispo as alternativas contemporâneas de modernização colonialistas e suas arquiteturas. Essas alternativas contribuem para o declínio do território escolar rural brasileiro, como documenta o livro *Composto Escola: Comunidades de sabenças vivas*, de autoria dele, publicado pela N-1 Edições em 2022 e escrito em parceria com Cacá Fonseca, Élbio Silva, Givânia Maria da Silva, Glicéria Tupinambá, Joelson Ferreira, Laura Castro, Quilombo indígena Tiririca dos Crioulos e Yuri Firmeza.

O mais recente trabalho do Nêgo Bispo, intitulado *A terra dá, a terra quer* (2023), é descrito como uma obra em que o autor “escreve como quem conta causos e semeia palavras” (GONÇALVES, 2023, s/p). A obra compõe um projeto editorial da editora Ubu, com 112 páginas, que apresentam a semeadura de escritos que encantam os leitores por meio da interação orgânica entre as palavras do autor-lavrador e as sublimes confluências das xilogravuras de Santídio Pereira, artista Piauiense que nasceu em 1996, no povoado de Isaías Coelho.

O livro traz em seu índice seis cuias de sementes: Semear palavras; Cidades e cosmofofia; Somos compartilhantes; Arquitetura e contracolonialismo; Colonialismo de submissão e Criar solto, plantar cercado. Esses temas, são representados por cuias feitas de cabaças nesta resenha, pois essas ferramentas são necessárias em muitos locais nordestinos para auxiliar as atividades das pessoas rurais, como armazenar água ou alimentos, semear e colher frutos da terra, ou até mesmo servir de decoração. Assim, a cuia, que é mencionada inclusive por Nêgo Bispo na obra, contribui com ela por apresentar abordagens não tradicionais e fugir do linear. Isso cria um espaço de reflexão contracolonial, ou contra-hegemônico, ao pensamento e poder patriarcal e da branquitude.

Assim, torna-se possível traçar caminhos outros para roça que Nêgo Bispo preparou para o público da obra: as pessoas de saberes não orais, não compartilhantes. Já que, de acordo com o autor, no quilombo, a cultura é transmitida oralmente, e o conhecimento é resultado da interação diária entre os vivos e a natureza, não por meio de livros. Dessa forma, Bispo deseja que seus escritos alcancem não apenas as instituições de ensino e pesquisa, mas

também os grandes centros comerciais e o grande público em geral (Santos, 2023).

Na primeira cuia do livro, Antônio Bispo saúda os leitores com a sabedoria dos pássaros, com a intenção de semear palavras por meio de uma postura ética, política e epistemológica entre a vida e a escrita, que carregam consigo as lembranças e ensinamentos passados de geração em geração em sua comunidade quilombola. Ao mesmo tempo, ele alerta os leitores sobre as armadilhas da linguagem colonial. Desse modo, o autor propõe a “guerra de denominações”, uma forma de contrariar, enfraquecer e resistir ao adestramento linguístico advindo da colonialidade, como uma estratégia de luta e resistência dos povos quilombolas.

Segundo Bispo, essa guerra de denominações é praticada também nas favelas, cujos moradores aprenderam a adestrar a língua do colonizador, a enfeitá-la. A proposta é semear palavras, como as que ele próprio semeou: biointeração, confluência, saber circular, saber orgânico, entre outras - transformando mentes em roças e fazendo germinar as sementes da confluência e do compartilhamento, energias que impulsionam o reconhecimento e o respeito.

Mas, como fazer germinar essas palavras em contextos diferentes daqueles descritos por Bispo? Como aderir a esse enfeitamento linguístico, se estamos imersos em processo de colonização e não pertencemos a comunidades de saberes tradicionais ou periféricos? Essa é uma reflexão importante a se fazer a partir dessa primeira cuia de cabaça que Antônio Bispo nos oferece - inclusive, no sentido de interrogar nossas práticas de formação.

Já, na cuia intitulada “cidades e cosmofofia”, Nêgo Bispo conduz os leitores a refletirem acerca dos espaços humanizados, coloniais - à exemplo das cidades - sinalizando que a humanidade vive uma disjunção com a natureza. Isso seria resultante da cosmofofia, um “[...] medo, uma doença que não tem cura, apenas imanidade” (SANTOS, 2023, p. 19).

O autor ainda assevera sobre o tema que nem todas as pessoas que vivem na cidade são coloniais, mas as cidades em si o são. Pois, além de espaços arquitetados apenas para a vida humana e seus fins mercantis, as pessoas que nelas vivem precisam acumular e extrair indevidamente; e, não apenas o necessário, como os viventes em conjunto com o meio fazem. Dessa forma, Bispo narra um contraponto crítico ao universalismo humanístico que deseja transformar “tudo em um”, em iguais, não em diversos.

Nada obstante, o autor conduz aqueles que leem tal cuia a um mergulho profundo em si mesmos. A se questionarem se são realmente humanos, humanistas, coloniais, e se indagar do que se deve fazer a partir de tal ato introspectivo, visto que “essa é uma questão germinante que precisa ser tratada e cultivada”; já que, “[...] se para os humanistas o ‘um’ é parte do todo, para nós só há ‘um’ porque há mais de um” (SANTOS, 2023, p.32).

A terceira cuia da obra, é intitulada de “somos compartilhantes”. Nela, Nêgo Bispo narra os ciclos locais de vida e as relações de compartilhamento e

confluência que existem no seu quilombo. O autor também expressa nessa cuia a importância dos conhecimentos transmitidos pelas plantas e animais da Caatinga aos povos quilombolas e as celebrações relacionadas às coisas que eles cultivaram e produziram em conjunto com a natureza; como a rapadura, que os alimenta e alimenta seus animais. Produzindo, uma força estratégica e cultural que se contrapõem à regulação estatal e suas leis coloniais, “que não consegue quebrar os modos de vida quando eles estão envolvidos nas festas”, na tradição de um povo (Santos, 2023, p. 44).

Já em “*arquitetura e contracolonialismo*”, Nêgo Bispo lança mão do conceito de contracolonialismo, um modo de vida diferente do colonialismo, praticado pelos povos vindos de África. Para ele, isso é algo simples: “é você querer me colonizar, e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender” (Santos, 2023, p. 58). Assim, o contracolonialismo é um antídoto que visa enfraquecer a colonialidade a partir da negativa do seu projeto político, cultural e econômico. O que nos convoca também a pensarmos sobre o nosso entendimento por ‘decolonialidade’.

Dentro desse enfoque, o autor aborda o bem viver nas comunidades quilombolas e nas favelas, compartilhando vivências de sua região de origem e do Complexo da Maré, situado no Rio de Janeiro, com os leitores. Ao mesmo tempo, faz uma crítica aos problemas urgentes da política brasileira, englobando políticas agrárias, assim como o programa Fome Zero e os habitacionais Minha Casa Minha Vida, que não considera as particularidades dos modos de vida locais, como as estratégias de convivência com o semiárido. No entanto, é importante destacar que Bispo não direciona essa análise a criticar partidos políticos, sejam eles conservadores ou progressistas. Pois, para o autor, não há governo eficiente para um Estado colonizado.

Por outro lado, como descolonizar o Estado? Como se pode usar as reflexões de Nêgo Bispo para tensionar relações coloniais estatais? Será que isso é uma tarefa necessária para tecer o futuro? Talvez seja, todavia, sem a intenção de destruir os colonialistas ou quem quer que seja. É preciso deixá-los viver, desde que vivam sem querer usurpar e colonizar outros modos de ser e estar no mundo, construídos pelas relações de compartilhamento e confluência.

Por conseguinte, na quinta cuia de cabaça: *colonialismo de submissão*, Nêgo Bispo critica o modelo governista eurocristão e as ações coloniais que se concentram no contexto urbano, afetando a vida e a ancestralidade de comunidades quilombolas. Como as tramadas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), ao responsabilizar os caçadores e pescadores quilombolas pela degradação do meio ambiente. Quando na realidade, são os colonizadores, suas empresas e produtos venenosos que expropriam indevidamente a terra, causando desequilíbrios e mortes. São eles os responsáveis por tais ações e não os quilombolas.

Por fim, na quinta e última cuia do livro, Antônio Bispo explica aos leitores o conhecimento ancestral e cosmológico dos povos quilombolas sobre o cultivo da terra e como eles produzem o que precisam para viver em “criar solto, plantar cercado”. O autor afirma que o plantio triangular, em contraste com o plantio

linear da monocultura que atende apenas aos grandes requisitos da cidade, é feito levando em conta os ciclos de vários cultivos diferentes na mesma roça, de maneira natural e em harmonia com a natureza e seus viventes.

Nessa cuia, Bispo ainda critica fortemente as intervenções do chamado "desenvolvimento agrícola", as alternativas de energia "limpa" solar e eólica que degradam a natureza, destroem as relações ancestrais dos povos com seus respectivos territórios e expulsa os animais silvestres de seu *habitat* em nome do progresso colonial e capitalista. Fora a comercialização de produtos, inclusive os que detêm o selo de orgânico. Pois, "[...] isso que se compra no supermercado com o selo orgânico é um produto, às vezes, sem veneno, mas não é algo orgânico. Não é produzido pelo saber orgânico [...] e se o pobre não pode comer, não é orgânico. Orgânico é aquilo que todas vidas podem acessar" (Santos, 2023, p. 101).

Nada obstante, diante de toda a sabedoria ancestral citada por Nêgo Bispo ao decurso da obra, é necessário fazer uma crítica contundente a ele no decorrer desta quinta cuia. O objetivo desta crítica não é depreciar o trabalho do autor, mas destacar algo que poderia ser melhorado: a metáfora da imunização, posta na última página do livro. Já que, devido à forma como Bispo a criou, o leitor pode ter a impressão de que a imunização tem a ver necessariamente com relações de afeto, pertencimento e corporalidade, mas não com vacinação. Por isso, é preciso dizer que imunizar se faz preciso para a vida, é uma ação crucial. Um meio de prevenir doenças infecciosas, reduzir a mortalidade e permitir a proteção imunológica aos povos.

Portanto, esse aspecto é um dos pontos frágeis da obra. Assim como a presença de palavras e/ou conceitos abstratos que foram explicados, mas que não são familiares para a maioria dos leitores. Já entre os pontos fortes, destaca-se as conexões culturais dos territórios quilombolas e seus modos de vida; algo que ainda tem uma circulação limitada à academia. Fora isso, está a genialidade dele como escritor, semelhante a Édouard Glissant, pois ambos têm "um pensamento capaz de colher formas objetivas e subjetivas não consideradas pelo campo epistemológico das matrizes culturais do Ocidente" (KIFFER e PEREIRA, 2021, p. 12).

Dessa maneira, analisando as questões discutidas neste livro dele, é possível concluir que Nêgo Bispo oferece aos leitores uma análise detalhada, repleta de reflexões relevantes em "a terra dá, a terra quer". Essas reflexões têm o potencial de estimular soluções mais práticas e eficazes para promoção do bem viver e combater danos ao meio ambiente. Além disso, ele destaca a importância dos conhecimentos tradicionais inseridos nesse processo, juntamente com a contracolonialidade, um modo de vida necessário para descolonizar mentes.

REFERÊNCIAS

ANZALDUA, Gloria. Falando em linguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, 2000, p. 229-236. Disponível em <https://encurtador.com.br/utcE7>. Acesso em 14 mar. 2022.

BALANCEIRO. Intérprete: Juliana Linhares. Compositor: Juliana Linhares; Khrystal; Moisés Marques; Sami Tarik. In: NORDESTE Ficção. Intérprete: Juliana Linhares. S/n: S/n, 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/9U5KS>. Acesso em: 29 jul. 2024.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Un mundo ch'ixi es posible**. Ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires, Tinta Limon, 2018.

GONÇALVES, Evaldo. **RESENHA – A terra dá, a terra quer – Antônio Bispo dos Santos**. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/yye8j>. Acesso em: 29 jul. 2024.

KIFFER, Ana; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Prefácio. In: GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Trad. Marcela Vieira, Eduardo Jorge de Oliveira; prefácio Ana Kiffer e Edimilson de Almeida Pereira. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. p. 112.

SILVA, Luciana Leite da. Resenha. **Revista anômalas**, Catalão – GO, v.3, n.1, p.100-103, jan./jun 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/IyR2J>. Acesso em 29 jul. 2024.

Recebido em: 19 de dezembro de 2024.
Aceito em: 14 de outubro de 2025.
Publicado em: 12 de dezembro de 2025.